

Transcrição da palestra proferida no dia 06/05/2006 pelo **Profº Dr. Manoel Carlos Chaparro**, jornalista, Doutor em Ciências da Comunicação e professor de Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Eu gostaria de aproveitar a audiência do documentário “Vila Buarque - Um ponto de Cultura” (Dir. Dimas de Oliveira Jr e Luis Felipe Harazin, Brasil, 2005) para fazermos uma pequena reflexão sobre o jornalismo. O filme a que nós acabamos de assistir é uma reportagem. Uma bela reportagem. O repórter, evidentemente, deve ter feito uma pauta. Dessa maneira, ele tem uma participação criativa na medida em que pensou no que devia ser feito: ele tinha um problema e encontrou uma solução. E fez um belo documentário.

Ele também fez uma demonstração muito rica das limitações do jornalismo, nas quais a gente raramente pensa. O jornalismo limita-se quase só a narrar o que os outros dizem e o que os outros fazem. Se não houver quem fala e se não houver quem faça coisas, nós não temos o que fazer. Isto contraria um pouco aquele sonho que eu tive e que vocês tem na cabeça - e quando eu tinha a sua idade foi esse sonho que, de alguma forma, também me levou ao jornalismo - de que nós podemos transformar o mundo com a nossa manchete. O sonho de que nós vamos fazer o nosso texto e nós vamos ser os protagonistas da transformação. Na realidade, o que nós vimos aqui nesse documentário, que é uma bela reportagem, é que os protagonistas são outros, não somos nós. Os protagonistas são os sujeitos sociais que por alguma razão - pode ser política, ideológica, econômica, cultural ou social - assumem o compromisso de agir, de produzir intervenções, de organizar discursos para transformar o mundo. Todas essas pessoas que falaram nesse documentário, de alguma forma, assumiram a iniciativa de dizer e fazer coisas transformadoras.

O fato do jornalismo não ser protagonista é uma limitação. O jornalismo, ao contrário, usa uma linguagem narradora e precisa de protagonistas. Mas o jornalismo que faz esse trabalho narrador realiza uma tarefa essencial, da maior importância (principalmente quando estamos em sociedades democráticas), que é o papel de fazer aflorar os conflitos, de dar voz aos personagens da vida real e de socializar os discursos de quem tem o que dizer para transformar.

Há quem critique o jornalismo, dizendo que ele não tem nenhuma importância porque lida com o efêmero. A notícia fica velha no dia seguinte e por isso não tem importância. É uma crítica burra que não percebe que só é notícia aquela ação humana que tem algum potencial de transformar as coisas. Menor ou maior, só vai para a página do jornal, para o rádio ou televisão aquela ação, aquela fala que tem importância para as pessoas e portanto tem um potencial transformador. O jornalismo não lida com o efêmero. O jornalismo lida com a transformação. Eu fiz essa associação para que vocês percebam o papel do jornalismo e da reportagem, apesar de desaparecerem. A gente ainda não vê o repórter? Não sabe

quem ele é, ou quem ela é? Na realidade esse profissional fez um trabalho extraordinário, que foi o de dar voz, de dar espaço, de dar articulação discursiva às pessoas e às instituições que têm capacidade, por vontade e poder próprios, de produzir intervenções que alteram a realidade. Sem o jornalismo, essa ação e a ação dessas instituições e dessas pessoas provavelmente não chegariam a resultado nenhum.

Você viram no documentário que as pessoas não falam por elas. Com exceção das fontes informais, as pessoas falam por instituições. Essa institucionalização do mundo criou alguns problemas, como, por exemplo, a desumanização do jornalismo, uma vez que os sujeitos sociais são instituições e não são pessoas. A gente deveria, por causa disso, fazer um grande esforço, como repórter, de humanizar. E a contribuição humanizadora dessa reportagem está no depoimento daquilo que a gente pode chamar de fontes informais, dos transeuntes e das pessoas que circulam e que foram mais ou menos escolhidas ao acaso.

Essas ações de que falava são ações discursivas. Numa sociedade globalizada, movida a energia da informação, o que produz a transformação não é o fato. A materialidade do fato se esgota, essa sim é efêmera. Mas o que permanece, o que produz a transformação, o que vai gerar a discussão é o discurso contido no fato. É a significação contida no fato. E isto transforma o jornalista não apenas num sujeito que vê, mas em um profissional que tem que olhar e atribuir valor às coisas, para descobrir o que elas significam. E o que vai circular socialmente, o que nós fazemos de trabalho socializador é a significação dos fatos.

Eu gostaria de abordar mais duas coisas: Todos nós queremos ser repórteres, não é isso? Nós, como repórteres, vamos, fundamentalmente, fazer entrevistas, mesmo quando o texto não tem formato de entrevista. Por trás de todos os textos há uma entrevista. Por trás da simples notícia há uma entrevista. Ou pode haver uma entrevista, se quiserem fazer uma boa notícia. Então nós precisamos ser hábeis artistas da entrevista, mesmo que a gente escreva textos que não tenham o formato de entrevistas. Mesmo para escrever um artigo nós precisamos fazer entrevistas. E a entrevista é a nossa grande ferramenta de trabalho porque o nosso trabalho é narrar o que os outros dizem e o que os outros fazem.

Nessa função narradora, nós fazemos basicamente três tipos de trabalho, ou três tipos de relato: nós fazemos o texto que relata o acontecido, que relata os fatos, como é o caso de uma reportagem sobre um acontecimento. Nós podemos também fazer um texto de desvendamento, como foi esse documentário a que assistimos. Alguém que fez um mergulho, que foi além das aparências, além da superfície para revelar e desvendar, o que está escondido no cenário das aparências. E nós fazemos textos para elucidar. O mundo é complicado e polêmico; o mundo e as civilizações se constroem com conflitos, que precisam ser elucidados. E aí nós temos também um trabalho importante, que é o trabalho de relatar o que acontece, de desvendar o que está escondido a partir, às vezes, de pequenos sintomas e é por isso que é importante andar na rua. Não apenas para olhar as pessoas, mas perceber quais são os pequenos sintomas das grandes

questões, das grandes polêmicas, dos grandes problemas que estão escondidos na superfície. Este documentário é uma demonstração disso. Ele não é obra do acaso. Ele foi planejado e pensado. Por trás dessa reportagem houve uma grande pesquisa - quem elaborou essa pauta fez uma grande pesquisa.

Assim, o jornalismo é uma obra de criação que tem que ter a pretensão de transformar. O nosso protagonismo é o protagonismo dos narradores, mas a nossa pretensão tem que ser essa, a pretensão de transformar. As pessoas são a razão de ser do nosso trabalho, por mais que os sujeitos sociais sejam instituições. Essa institucionalização é irreversível e boa, pois é pela instituição que o mundo se tornou falante. Entretanto, nós temos que pensar nas pessoas. A transformação é importante na medida em que elimina as exclusões, as diferenças e as desigualdades; na medida em que ajuda as pessoas a serem felizes e a entenderem o mundo e o seu próprio papel no mundo. Então é para as pessoas que a gente trabalha, não é para as instituições.

Nós quando trabalhamos, por exemplo, em assessorias de imprensa ou até mesmo nas áreas de comunicação de empresas e ONGs, pensamos que escrevemos para empresas, que escrevemos para ONGs. Não escrevemos, não. Nós escrevemos para pessoas. E trabalhamos por causa das pessoas. E aí há que levar em conta que o jornalismo não se nutre apenas da atualidade, isto é, daquilo que acontece. O jornalismo se nutre também dos valores que a ética, que a ordenação e ideários éticos da sociedade estabelecem, sob o ponto de vista da civilização, como coisas boas, como razões fundamentais das ações humanas. Então o que foi colocado aí, nesse documentário, não foi só o relato, não foi só o desvendamento de um bairro que tem uma história, que tem conflitos, que tem limites, mas que tem sonhos, que tem potencialidades, etc. Tudo isso foi feito em função de uma perspectiva de transformação que leva em conta um ideário ético da sociedade.

Dessa maneira, as duas grandes âncoras do jornalismo são a atualidade - não há jornalismo desvinculado do presente, desvinculado do que acontece - e também a sociedade, como fonte de razões éticas para nosso agir. E o que é sociedade? Por trás de toda essa narração a que nós assistimos há um ente abstrato que a gente pode chamar de sociedade, que são as razões coletivas, as razões do todo.

A sociedade pode ser, por exemplo, um casal que estabelece entre si um contrato e faz entre si uma sociedade. Pode, também, ser uma empresa. Mas a sociedade que está na nossa cabeça quando usamos o termo é uma coisa muito difícil de definir. Quando dizemos, por exemplo, “a sociedade quer que os governantes sejam assim ou assado” ou “a sociedade quer que este problema ou aquele sejam resolvidos”, que tipo de ente é esse a que nos referimos? É um ente abstrato, uma construção mental. Mas não é só uma construção mental na medida em que essa idéia de sociedade se traduz em normas, em leis, em cultura, em crenças e em verdades. Nós todos acreditamos, por exemplo, que as pessoas tem direito à vida, ao trabalho, à educação, à saúde. Por que acreditamos nisso? Por um processo histórico de construção civilizatória que estabeleceu isso como verdade. E é por causa desse conjunto de valores que

eu gostaria que vocês lessem o artigo 5º da Constituição brasileira. Ali estão todas as razões do nosso agir jornalístico.

Pra que relatar coisas se isso não tem nenhuma relação com o ideário ético, com o sonho ético da nossa sociedade? Como é que nós poderemos olhar o que acontece e olhar os cenários da nossa realidade se não tivermos uma fonte ética de critérios para fazer os nossos julgamentos e para atribuímos valores ao que as pessoas dizem e fazem? Como é que nós temos critérios para fazer perguntas, entender respostas e depurar as coisas que captamos para construir a nossa reportagem se não tivermos esse referencial essencial, que é o referencial ético?

A ética, ao contrário da moral, é sempre um sonho, é sempre uma razão de lutar para fazer alguma coisa. A ética tem um compromisso, tem uma lógica vinculada à transformação. Por que nós queremos acabar com a pobreza? Por que nós queremos acabar com a desigualdade? Porque está estabelecido nas nossas crenças, não no sentido religioso, mas sim no sentido das verdades que organiza nosso entendimento de civilização, que as pessoas são iguais perante a lei. Que todos têm o direito à vida, todos têm direito à felicidade, todos têm direito ao trabalho. E por termos essas verdades estabelecidas na nossa convicção, nós olhamos a realidade e podemos dizer: “Isto aqui não pode ser, isto tem que ser transformado”. E assim passamos a ter fontes de critério para decidirmos o que é mais importante na hora de escrever, o que é mais importante na hora de perguntar, para decidir o que é mais importante na hora de escolher um entrevistado, para decidir o que é mais importante na hora de buscar os conteúdos que vão construir a nossa reportagem.

O jornalista só será um bom jornalista se for humilde e a humildade jornalística começa pela descoberta consciente e lúcida de que quem constrói os nossos conteúdos não somos nós, são os outros, a quem procuramos com perguntas.

Esse documentário também demonstrou como isso pode ser feito. Essas pessoas que falaram como instituições têm um discurso organizado. Elas são competentes. Elas sabem o que dizer e como dizer. Tanto é que se colocarmos um microfone e uma câmera na sua frente elas sabem usar para socializar o seu discurso. Eu penso que esse quadro é o resultado das tecnologias, é o resultado do avanço civilizatório. Quer dizer, a democracia avançou, a educação avançou, e o mundo, por exemplo, hoje, tem uma vertente extraordinariamente rica de experiências e democracia participativa. As ONGs são um reflexo dessa face de democracia participativa.

Nós estamos num mundo falante, que ocupou o espaço do jornalismo. Uma das razões pelas quais o repórter e a reportagem desapareceram é justamente porque os sujeitos sociais se capacitaram para ocupar o espaço do jornalismo. Eles fazem e dizem coisas para serem notícia e nesse cenário o jornalismo foi tolhido por uma preguiça intelectual, já que o prato chega pronto nas redações. E o que acontece? Os sujeitos sociais ocupam 95% do espaço da notícia. Isto é bom? Isto é bom, porque é ótimo que haja uma

pluralidade de voz, é ótimo que a sociedade possa se organizar em grupos e que esses grupos possam falar. Só que o jornalismo não se pode limitar à reprodução desse discurso organizado, que é um discurso interessado. Nós temos que fazer o conflito. Nós temos que fazer a divergência. Nós temos que fazer a polêmica. Nós temos que elucidar as razões desse conflito. À luz de que? À luz do ideário ético, à luz daquelas verdades em que nós acreditamos, que é o projeto ético da sociedade brasileira e, de alguma forma, da sociedade humana.

Nesse processo, nessa fisionomia do mundo falante, há uma exclusão nova que eu penso que só o jornalismo pode eliminar, que é a exclusão discursiva. Há grupos sociais, há pessoas que não conseguiram articular o seu próprio discurso e que, portanto, não conseguem produzir intervenções por meio das quais lutem pelas suas questões.

Existem algumas questões muito próximas de nós que podem ser citadas como exemplo: os moradores de rua não conseguem articular seu discurso. Quando eles precisam falar vem o Padre Lancellotti falar por eles ou algum vereador de esquerda ou algum oportunista. Os desempregados não conseguem articular o seu discurso. Quem fala por eles são senhores e senhoras muito bem empregados. Os analfabetos também não conseguem articular o seu discurso. E quando nós fazemos o jornalismo de aprofundamento, de desvendamento, quando fazemos esses mergulhos, nós temos que nos preocupar em dar voz àqueles que ainda não conseguem projetar o seu “eu” nas discussões da sociedade.

Nós temos que estimular a formação de novos protagonistas. Temos que nos preocupar com isso. Este é um papel, talvez hoje o mais importante do jornalismo, o da eliminação da exclusão discursiva. Por que isso tem a ver com as outras exclusões. Quem é excluído discursivamente? Exatamente quem é excluído politicamente, economicamente, socialmente, culturalmente, etc. Como o jornalismo é um espaço de ações discursivas, a gente só fará bom jornalismo se perceber isso. Como exemplo vamos citar um ícone dos grandes acontecimentos: na derrubada das torres de Nova Iorque, o que foi importante? A derrubada das torres em si? O importante foi o que aquilo significou. O que alterou o mundo profundamente foi o significado político, econômico e ideológico daquele acontecimento. Morreram três mil pessoas e isso não teve importância para o mundo, exatamente porque o lado importante é o lado da significação. E é isso que nos torna criativos como jornalistas, porque se a gente não se preocupar com a significação dos acontecimentos, nós vamos todos fazer atas do que vemos. E faremos a mesma ata, porque as coisas têm uma cronologia e um modo de aparecer visualmente. Mas se a gente não atribuir significado às coisas, não teremos critérios para decidir o que é mais importante. E o jornalismo precisa, de uma forma vital, que a gente, como repórter, decida o que é mais importante. A nossa criatividade se exercita, basicamente, nessa capacidade que deve ser continuamente desenvolvida, porque é uma capacidade intelectual, de decidir o que é mais importante. Não basta que chefe de reportagem diga assim: “Comece pelo que é mais importante”. É preciso saber como a gente decide isso. O que é mais

importante? Então precisamos de critérios. No artigo 5º da Constituição Federal há um conjunto de belas razões para o nosso trabalho. Ali está um belo conjunto para nós pensarmos matérias, para organizarmos perguntas, entendermos respostas e, depois, fazermos os nossos textos.